

PAISAGEM CULTURAL DE ANTONINA: “DEITADA À BEIRA DO MAR” *Cultural landscape of Antonina: “lying by the sea”*

Beatriz Helena Furlanetto¹

RESUMO

A paisagem é produto e produtora de cultura, tem formas, sons, odores, sabores, cores e texturas que caracterizam determinados lugares, os quais são experienciados distintamente por cada pessoa. Segundo Andreotti, Dardel e Persi, a paisagem é criada pelo próprio observador, investida de emoções e sentimentos, dotada de valores espirituais. O homem modela a paisagem na qual vive, nela imprimindo os traços da sua presença, das suas atividades práticas e religiosas, do seu modo de habitar e de produzir. Neste sentido, a partir da análise bibliográfica e pesquisa de campo, investigou-se os significados que os sujeitos atribuem a Antonina, cidade do estado do Paraná cujo centro histórico foi declarado Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A baía emoldurada pelas montanhas da Serra do Mar, as edificações históricas, as festas populares, a religiosidade, a música e a culinária local destacam-se expressivamente em Antonina, constituindo uma paisagem plena de simbolismos.

Palavras-chave: Geografia humanista. Paisagem. Cultura paranaense.

ABSTRACT

Landscape is the product and producer of culture, has forms, sounds, smells, tastes, colors and textures that distinguish certain places, which are distinctly experienced by each person. According to Andreotti, Dardel and Persi, the landscape is created by the observer himself, invested with emotions and feelings, endowed with spiritual values. Men shape the landscape in which they live, printing the traces of their presence and their religious practices and activities, their way of living and producing. Thus, from bibliographic analysis and field research, we investigated the meanings that the subjects attribute to Antonina, city of Parana State whose historic center was declared Historic and Artistic Heritage. The bay framed by the mountains of Serra do Mar, historical buildings, popular festivals, religion, music and local cuisine stand out significantly in Antonina, constituting a landscape full of symbolism.

Keywords: Humanist geography. Landscape. Parana's culture.

¹ Doutora em Geografia. Pianista e Professora da Universidade Estadual do Paraná, Campus Escola de Música e Belas Artes do Paraná. beatrizhelenafurlanetto@gmail.com.
✉ Rua Comendador Macedo, 254, Centro, Curitiba, PR. 80060-030.

INTRODUÇÃO

Na perspectiva da geografia humanista cultural, os estudos sobre as paisagens, inicialmente focados na descrição das formas físicas da superfície terrestre, passam a contemplar a dimensão simbólica dos lugares a partir da renovação da ciência geográfica e a consequente valorização do conceito de cultura, no final do século XX.

O espaço, anteriormente visto como homogêneo, adquire complexidade e passa a ser interpretado como espaço vivido, privilegiando a dimensão da experiência humana dos lugares, as redes de valores e de significações materiais e afetivas. Espaço e lugar são conceitos distintos. Conforme Tuan (1983, p. 6), o espaço é liberdade, sensação de amplidão, de infinito; o lugar é segurança, é um centro ao qual atribuímos valor, "espaço é mais abstrato do que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor".

O conceito de mundo vivido, que surge da aproximação da geografia com a fenomenologia, de acordo com Kozel (2007), aponta um novo campo epistemológico, no qual a apreensão do espaço relaciona-se às diferentes perspectivas que se fazem presentes na visão de mundo de cada ser humano.

Esta nova perspectiva geográfica se recusa a considerar a natureza, a sociedade, a cultura e o espaço como realidades prontas. Ela parte do indivíduo e de suas experiências para compreender como as realidades são percebidas e sentidas pelos homens. A diversidade cultural passa a ser estudada além dos conteúdos materiais, incorporando a dimensão simbólica das construções socioespaciais. Marcada pelas preocupações humanistas, a nova geografia cultural busca apreender os sistemas simbólicos da cultura, o espaço vivido, as representações, o papel dos sentidos, a paisagem em toda sua amplitude (CLAVAL, 2009).

Assim, a paisagem cultural deixa de ser concebida apenas como um dado objetivo e passa a considerar os elementos que ultrapassam o olhar, como as sensações vividas e sentidas pelo observador, valorizando os aspectos subjetivos da relação das pessoas com os lugares. Neste sentido, o texto tem por objetivo apreender a paisagem cultural da cidade de Antonina e os significados que os sujeitos atribuem ao lugar.

O texto foi elaborado a partir da tese "Paisagem sonora do boi de mamão no litoral paranaense: a face oculta do riso", que teve como foco a festa do boi de mamão no município de Antonina. Em conformidade a Cosgrove (1998), entendeu-se a paisagem como um texto cultural, que apresenta a possibilidade de leituras diferentes e simultâneas, tratando-a como uma expressão humana intencional composta de muitas camadas de significados. Assim, considerando a paisagem cultural da festa do boi de mamão como uma criação coletiva capaz de revelar os valores sociais que um determinado grupo atribui ao seu ambiente, buscou-se compreender as relações entre as pessoas e o lugar. Desta forma, no desenvolvimento da pesquisa, uma das nossas inquietações foi: como os sujeitos percebem a paisagem de Antonina?

A geografia cultural, enquanto ciência que explora as experiências que homens e mulheres têm em diferentes espaços, e os sentidos que eles atribuem à sua existência, viabiliza a apreensão das festas populares no âmbito dos seus aspectos materiais e simbólicos. É neste contexto que a paisagem pode exprimir o sentido e o significado que indivíduos e sociedades dão às suas vivências socioespaciais.

A investigação foi orientada pela abordagem fenomenológica, fundamentada na análise documental, bibliográfica e pesquisa de campo.

A fenomenologia se baseia na interpretação dos fenômenos, na intencionalidade da consciência e na experiência do sujeito, na realidade que é construída socialmente. O ser humano é visto como existência,

Paisagem cultural de Antonina: “Deitada à beira do mar”
Beatriz Helena Furlanetto

como infinitamente pessoal, ou seja, sentimento e experiência estão inclusos no processo. Portanto, para apreender os significados que os sujeitos atribuem ao lugar, a fenomenologia evidenciou-se um suporte metodológico eficiente por contemplar a dimensão emocional e subjetiva da experiência humana vinculada ao espaço vivido. Partiu-se do indivíduo como base para pensar o coletivo, compreendendo a cultura como valores, saberes e práticas de um determinado grupo.

O documento, de acordo com Chizotti (2003), é entendido como qualquer informação sob a forma de textos, imagens, sons, sinais, contida em um suporte material, bem como informações orais obtidas por meio de diálogo, exposições, reportagens faladas.

Entre as estratégias de investigação de campo, nos anos de 2011 a 2014, efetuou-se a observação do tipo participante, o acompanhamento das ações cotidianas de sujeitos em suas interações, a realização de fotos, registros audiovisuais, contatos e entrevistas com moradores de Antonina, os quais serviram como subsídios para a apreensão da dimensão simbólica da paisagem cultural local.

Inicialmente são estabelecidos os conceitos norteadores para a investigação da paisagem cultural, a partir das contribuições dos geógrafos Dardel, Andreotti e Persi. Em seguida, articulando a discussão teórica aos dados levantados, são apresentados alguns dos aspectos históricos, culturais e artísticos de Antonina, destacadamente os hinos municipais e as falas dos sujeitos, que revelam os significados atribuídos ao lugar. Cientes das diferentes possibilidades de interpretação da paisagem cultural, buscou-se privilegiar a emoção e a subjetividade humanas.

PAISAGEM CULTURAL

A paisagem reflete a dimensão simbólica das construções socioespaciais, a forma como o homem se relaciona com seu meio e

o sentido a ele atribuído. A compreensão da paisagem cultural em sua dimensão material e imaterial contempla as relações recíprocas entre o homem e o meio, o que significa dizer que a paisagem é produto e produtora de cultura.

O geógrafo Eric Dardel, na obra “O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica”, publicada em 1952, investiga de forma profunda a relação afetiva entre o homem e a Terra, e revela que o homem vive e se move com a sua interioridade – sensorialidade, cultura, sentimentos, crenças, esperanças, sonhos, projetos – em um determinado espaço e tempo.

Dardel (2011, p. 2) sustenta que as relações do homem com a Terra definem uma **geograficidade** “do homem como modo de sua existência e de seu destino”, desenvolvendo uma discussão sobre o “ser geográfico” do ser humano. Para o autor, o homem e a Terra são organicamente interdependentes, o humano e o terrestre não podem ser geograficamente pensados um sem o outro. Assim, em um transcurso fenomenológico, sujeito e objeto estão imbricados, envolvem-se um no outro, e é esta circularidade que constitui propriamente o mundo geográfico. Portanto, a **geograficidade**, conceito fundamental de Dardel, expressa a essência geográfica do ser humano no mundo.

A geografia não é, inicialmente, um conhecimento, mas uma experiência: “a ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre” (DARDEL, 2011, p. 33). A reflexão geográfica se refere à surpresa do homem frente à Terra, às relações essenciais que ligam os homens ao mundo circundante, portanto, a geografia está implicada em um mundo vivido que extrapola os limites da ciência. Segundo o autor, o espaço geográfico é um espaço substantivo, adjetivado: é o mundo

Paisagem cultural de Antonina: “Deitada à beira do mar”
Beatriz Helena Furlanetto

existencial, que agrega as dimensões do conhecimento, da ação e da afetividade.

Neste sentido, Dardel (2011) introduz uma geografia emocional que, por meio da imaginação, da exaltação dos espaços estéticos e míticos, mostra o mundo vivenciado com infinitas tonalidades de percepções – uma poética do espaço presente nas contribuições dos geógrafos italianos Andreotti (2012; 2013) e Persi (2007; 2014).

Ao colher e revelar a interioridade dos indivíduos, fazendo emergir a essência misteriosa dos lugares, as paisagens culturais em Andreotti e em Persi ganham traços emocionais, contemplando a subjetividade do homem nas relações entre si e com o espaço.

Descrever a paisagem é uma arte “carregada de significados evidentes e ocultos e de apelos subentendidos”, e a psicologia é a chave para “unir os elementos culturais e as relações histórico-espirituais” da paisagem, afirma Andreotti (2013, p. 26-27). Partindo das contribuições de Herbert Lehmann, a autora defende que a capacidade de ver a natureza e experimentá-la como paisagem é um fenômeno cultural e psicológico extraordinariamente complexo: “é um modo de perceber no qual a psique exercita uma ação fundamental quando o observador entra em contato com a paisagem com a intensidade das sensações e sentimentos e se identifica com toda a experiência da humanidade” (ANDREOTTI, 2013, p. 11).

A autora enumera a valorização estética, os elementos culturais, a participação espiritual, a análise histórica, o processo temporal, o amálgama psicológico e o cromatismo como aspectos essenciais utilizados por Lehmann para descrever a paisagem. Tal método descritivo trata a paisagem como uma trama complexa, apreendendo-a não apenas sobre a base da mera observação geográfica, mas integralmente, ou seja, a paisagem é cultura, é estética, é cor, é história, é vicissitude.

Para Andreotti (2012; 2013), a paisagem é uma construção humana que provém de longa data, da integração de almas para almas; é um diálogo entre o passado e o presente e entre a natureza e o espírito. Portanto, a paisagem não pode ser separada do homem, do seu espírito, de sua imaginação e percepção. Assim, a paisagem marca o homem e é por ele marcada, reflete o homem e a sua história, e cada comunidade inscreve na paisagem sua própria ética e estética.

Persi (2007; 2014) acentua a profunda ligação que os homens estabelecem com os lugares e seus patrimônios culturais, reconhecendo o valor que os espaços vividos têm sobre as emoções e as emoções sobre os lugares. Criada pelos homens, a paisagem revela suas virtudes e limitações.

A paisagem é um emblema da humanidade, da fêvida genialidade e apaixonada criatividade, mas também da fragilidade e contradições da condição humana: é criatura do homem que dialoga com o universo, e do homem condiciona a existência, as imagens, os sonhos e as necessidades, iluminando perenemente percursos sugestivos sobre os planos espiritual, epistêmico-explicativo e da governança territorial (PERSI, 2007, p. 25)².

O indivíduo modela a paisagem na qual vive, nela imprimindo os traços da sua presença e das suas atividades práticas e espirituais, do seu modo de habitar e de produzir, de relacionar-se com o sagrado. Neste sentido, a paisagem se torna símbolo da identidade cultural de um lugar, enquanto expressão dos processos sociais, produtivos,

² “Il paesaggio è emblema di umanità, della fêvida genialità e appassionata creatività, ma anche della fragilità e contraddizione della condizione umana: è creatura dell’uomo, che dialoga con l’universo e dell’uomo condiziona l’esistenza, l’immagine, i sogni e i bisogni, ma accendendo perennemente suggestivi percorsi sul piano spirituale, su quello epistêmico-applicativo e della governance territoriale” (PERSI, 2007, p. 25).

Paisagem cultural de Antonina: “Deitada à beira do mar”
Beatriz Helena Furlanetto

culturais e religiosos estabelecidos na relação entre o homem e o meio, como se verifica na cidade de Antonina.

ANTONINA

Situada no litoral do estado do Paraná³, na Baía de Paranaguá e aos pés da Serra do Mar, a cidade de Antonina é uma das mais antigas povoações do estado. As marcas da religiosidade se mostram presentes desde os primórdios, quando em 1714 um pequeno povoado constrói uma capela em louvor a Nossa Senhora do Pilar⁴, ficando esse lugar conhecido como Capela do Pilar, e seus moradores como capelistas. Esta freguesia⁵ passa à categoria de vila em 1798, com a designação de Antonina em homenagem ao príncipe Dom Antonio⁶, irmão de Dom Pedro II, filho de Dom João VI e Dona Carlota Joaquina. Nesta época, o povoado tinha aproximadamente dois mil e trezentos habitantes, que viviam de mineração, pesca e agricultura de subsistência.

3 O Paraná está situado na região Sul do Brasil, em uma área limitada a norte e nordeste com o estado de São Paulo, banhada a leste pelo oceano Atlântico, confinada ao sul com Santa Catarina e a oeste com o estado de Mato Grosso e as repúblicas Argentina e Paraguai. O litoral é constituído por uma estreita faixa de terras, nas quais se fixaram os primeiros núcleos populacionais paranaenses que constituíram as cidades de Paranaguá, Antonina e Morretes.

4 Nossa Senhora do Pilar, venerada pela Igreja Católica, é a padroeira da Espanha, e refere-se à primeira aparição de Maria ao apóstolo São Tiago, no século I, quando ele pregava em Saragoça. É interessante observar que a festa litúrgica à Nossa Senhora do Pilar ocorre no dia 12 de outubro, quando também se celebra Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil.

5 Em Portugal e no antigo Império Português, freguesia é o nome dado à menor divisão administrativa, correspondente à paróquia civil de outros países.

6 O príncipe Dom Antonio, de acordo com Ferreira (2006, p. 34) “[...] era o primeiro filho, do sexo masculino, de Dom João e Dona Carlota Joaquina, nascido em 1795. Por conseguinte, era o príncipe herdeiro do reino de Portugal e suas colônias, que ao falecer ainda menino, em 1801, deixou o trono para seu irmão, Pedro de Alcântara, mais tarde Imperador do Brasil”.

A mineração do ouro, conforme Wachowicz (2001), foi o primeiro ciclo econômico paranaense e, embora não tenha atingido importância significativa, gerou o povoamento do litoral e a abertura de vias de comunicação vitais para o desenvolvimento da região.

Ao longo da história de Antonina, a atividade portuária foi uma das principais fontes de desenvolvimento econômico. A partir de 1820, com a implantação de engenhos de erva-mate para exportação, o incremento de atividade portuária em Antonina levou a um rápido crescimento urbano. Na segunda metade do século XIX, a construção da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá intensificou a comunicação entre Antonina e as demais cidades paranaenses. No início do século XX, quando o Porto Barão do Tefé se destacava como o quarto porto mais importante do Brasil e sediava as Indústrias Matarazzo, verificou-se um novo período de crescimento para a cidade. Posteriormente, o centro portuário do estado paranaense deslocou-se para Paranaguá e, devido à falta de investimentos, o Porto de Antonina entrou em decadência, provocando o fechamento de várias empresas e ocasionando a estagnação econômica da cidade, que atualmente possui em torno de vinte mil habitantes.

CANTOS ANTONINENSES

A paisagem é multissensorial, possui formas, cores, sons, odores, texturas e sabores que são experienciados íntima e particularmente por cada pessoa. Portanto, a paisagem pode ser percebida de diferentes maneiras, o que revela sua complexidade e dinamismo.

As paisagens constituem-se em patrimônios sociais, históricos e culturais das diferentes comunidades humanas, sendo, simultaneamente, patrimônios materiais e imateriais, conforme

Paisagem cultural de Antonina: "Deitada à beira do mar"
Beatriz Helena Furlanetto

Almeida (2008, p. 48): "A paisagem reflete a dinâmica que move, produz e apropria-se do mundo, na sua condição de horizonte de vida".

Nas ruínas e construções que remontam ao Brasil colonial, nas ruas estreitas com calçamento de pedras, nas casas coloniais ornamentadas de flores, nas janelas vestidas de cortinas rendadas, a cidade de Antonina (Figura 01) revela uma riqueza reconhecida e protegida pelo Instituto de Patrimônio Histórico

e Artístico Nacional (Iphan)⁷. A extensão do tombamento compreende o Centro Histórico de Antonina e o complexo das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo.

Entre as edificações históricas destacam-se o Teatro Municipal (Figura 02), a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar (Figura 03), a Estação Ferroviária (Figura 04), o Calçadão Central, a Fonte da Carioca, a Igreja Bom Jesus do Saivá, o Mirante da Pedra, as construções coloniais (Figura 05).

Há, ainda, o patrimônio cultural imaterial⁸ antoninense, os bens culturais vivos e mantidos pelas pessoas que os praticam,

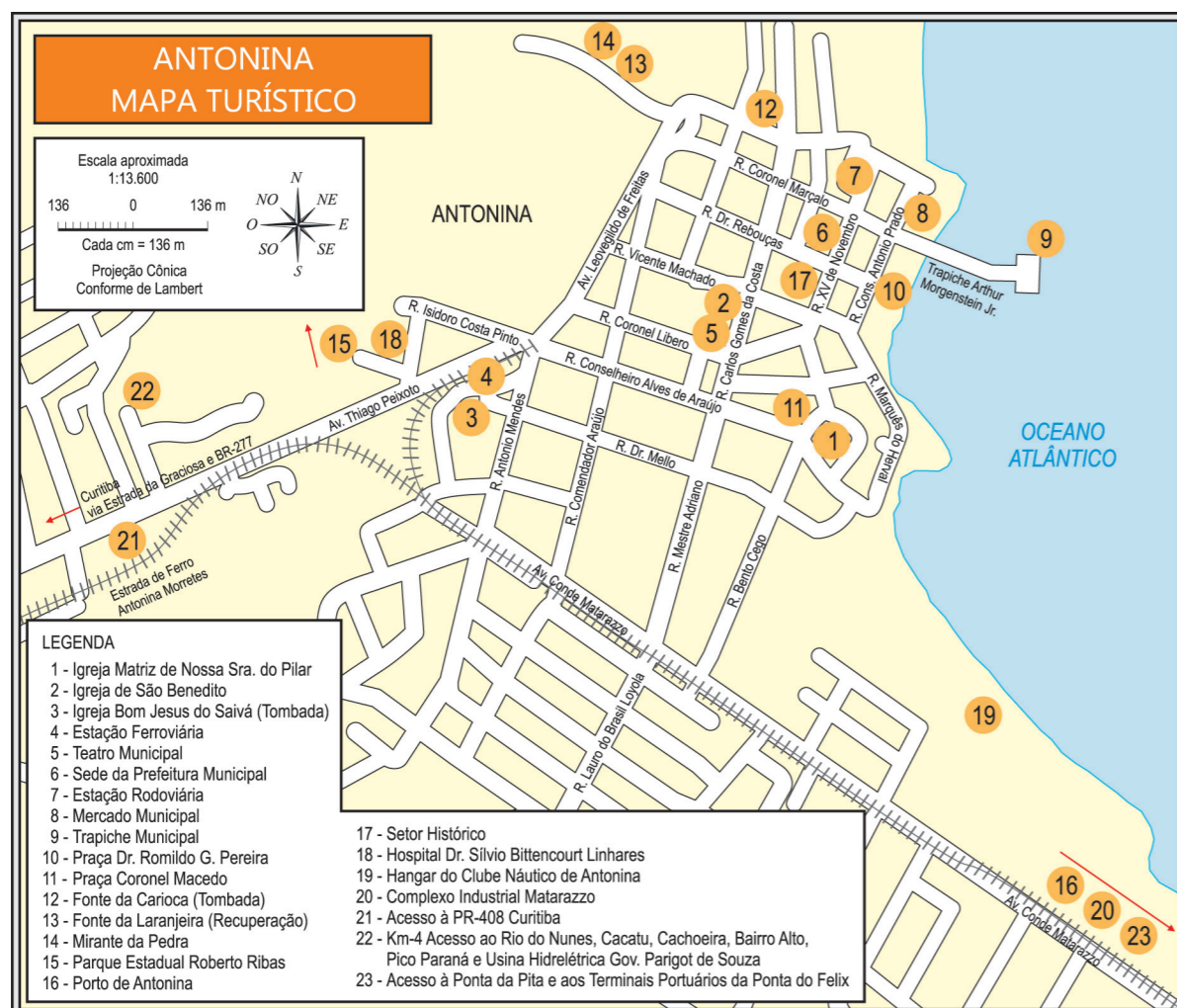


Figura 1 - Mapa turístico de Antonina
Desenho: Elizabeth Gislaïne Rathunde Lopes (2014)

⁷ O Iphan é responsável por preservar a diversidade das contribuições dos diferentes elementos que compõem a sociedade brasileira e seus ecossistemas.

A Constituição Federal do Brasil, promulgada em 1988, estabelece que:

Art. 216 Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I – as formas de expressão;
- II – os modos de criar, fazer e viver;
- III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
- V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

⁸ Não existe consenso sobre o termo que melhor define o conjunto dos bens culturais de natureza imaterial. No Brasil, o Iphan e o Ministério da Cultura optaram por adotar a terminologia estabelecida no artigo 216 da Constituição Federal de 1988, mas com a ressalva de que, se do ponto de vista conceitual, a distinção entre patrimônio material e imaterial é discutível, do ponto de vista da preservação essa distinção se mostrou necessária. Assim, os bens culturais de natureza imaterial, cujo caráter é processual e dinâmico, compreendem os ritos e celebrações, as formas de expressão musical, verbal e cênica, os conhecimentos e técnicas, os folguedos, etc. O Patrimônio Cultural Imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades em função de seu ambiente e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana, sendo apropriado por indivíduos e grupos sociais como elementos de sua identidade (Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 24 jun. 2015).

Paisagem cultural de Antonina: "Deitada à beira do mar"
Beatriz Helena Furlanetto



Figura 2 - Teatro Municipal de Antonina
Foto: Beatriz Helena Furlanetto, 2014.



Figura 3 - Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar
Foto: Beatriz Helena Furlanetto, 2014.



Figura 4 - Estação Ferroviária de Antonina
Foto: Beatriz Helena Furlanetto, 2014.



Figura 5 - Construções coloniais de Antonina
Foto: Beatriz Helena Furlanetto, 2014.

Paisagem cultural de Antonina: “Deitada à beira do mar”
Beatriz Helena Furlanetto

como as festas e manifestações populares, entre as quais se verificam o carnaval e o boi de mamão⁹. Em Antonina, verificam-se dois grupos de boi de mamão: o Boi do Norte, que mantém essa tradição popular há quase cem anos, e o Boi Barroso.

Heitor Vieira (1931-2004), conhecido como Rellen Salu Berght, é um dos maiores poetas de Antonina, que canta a cidade em seus versos.

Antonina, berço de homens ilustres.
Escritores, pintores e poetas;
Seus monumentos,
Relíquias de uma geração,
Que foram construídos
Na época de sua evolução;
Igrejas, Fonte da Carioca e Teatro Municipal
Velho portão.
Que a linda avenida enfeitava...
Um dia foi destruído,
Jamais será esquecido...
Antigo Mercado.
Antes de ser derrubado,
Pelas ondas do mar foi beijado.
Antonina, banhada pelas águas temperadas
Nem doce e nem salgada.
Molhando o corpo da mulata capelista
Quando banha-se lá na Pita.
Praça Coronel Macedo.
Onde os pássaros despertam bem cedo;
E na Feira Mar.
Que maravilha as noites de luar...
Quando Deus criou Antonina.
A sete chaves a cópia ele escondeu.
Lugar igual a este
Ainda não apareceu...
Fundada por Manoel de Valle Porto.
Luso viajante, que aqui chegou.

⁹ O boi de mamão ou bumba meu boi é uma festa de espírito lúdico que se realiza anualmente em diversas regiões do Brasil, na qual o boi é a principal figura de representação. Para mais informações sobre a festa do boi de mamão em Antonina, ver Furlanetto (2014).

Antonina joia pequenina.
Que a Virgem Santa abençoou...
(Rellen Salu Berght *apud* NASCIMETO, 2006, p. 83).

No cenário da cidade, a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar destaca-se como referência religiosa, como marco histórico, e também por sua localização privilegiada, no alto de uma colina, de onde se pode apreciar a Baía de Antonina e o tapete de árvores que cobre toda a região: a beleza e a grandiosidade da natureza são um convite à transcendência.

No dia a dia, em geral, a serenidade das águas da baía parece abraçar não somente a cidade, mas também os moradores. Respira-se a calma, uma paisagem cujo ar da noite é, como diria Meireles (2009, p. 71), “sussurrante de silêncios, cheio de nascimentos e pétalas”.

DEITADA À BEIRA DO MAR

Deitada à beira do mar é a imagem poética de Antonina, cantada no hino com letra de Francisco Pereira da Silva e música de Bento Mossurunga.

Antonina, Antonina
Deitada à beira do mar
Sob a tutela divina
Da Senhora do Pilar
(estribilho do Hino a Antonina)

Nascimento (2006, p. 157-159) apresenta outros hinos que cantam as belezas antoninenses, como o de Octávio Secundino.

Esta terra onde a virgem tem lar
Como joia incrustada à colina
É um sorriso de Deus junto ao mar

Paisagem cultural de Antonina: “Deitada à beira do mar”
Beatriz Helena Furlanetto

Nossa terra natal! Antonina!
(estribilho do Hino de Antonina).

E também o hino com música e letra de F. Roberto.

Teu céu oh! Antonina
É de azul sem par,
Linda safira a reluzir
Seu brilho sobre o mar
(Hino a Antonina).

Verifica-se ainda, na obra de Nascimento (2006, p. 158-160), a Valsa de Antonina, com música de F. Roberto e letra de E. Camargo Penteadado, e Terra Ideal, com letra de Ademaro Santos.

Engastada joia simples pequenina
Na orla do mar, que com graça a emoldura
É a terra encantada a gentil Antonina
Onde a natureza esplende em formosura
(Valsa de Antonina).

A virgem santa lá da colina
Abençoando a cidade
Eterna mãe de Antonina
Inspiração da bondade
Lá na distância num cromo lindo
Mares, montanhas e céus
Navios errantes, além sumindo
Por esses mundos de Deus
(Terra Ideal).

Salvador Graciano¹⁰, na música “Moro Lá”, descreve a tranquilidade e a alegria que reina em Antonina.

¹⁰ Salvador Graciano e Júlia Alves Graciano, conhecidos como Nhô Belarmino e Nhá Gabriela, foi a primeira dupla de músicos paranaenses a alcançar projeção nacional, uma carreira com mais de quarenta anos de sucesso. Formada em 1939, a dupla começou a gravar em 1953 e, em 1977, montou a BG, primeira gravadora do Paraná, conforme Deslandes (1992).



Figura 6 - O mar de Antonina

Foto: Beatriz Helena Furlanetto, 2014.

Moro numa cidade pequena
Onde a vida é serena
Onde a tristeza não vem [...]
Lá tem areia, tem mar
E tem o vento
Que devagar sopra a maré
É lá que eu moro [...]
(Moro Lá).

Percebe-se que todos os autores destacam o mar (Figura 06) ao cantar as belezas da cidade. A própria Lenda de Antonina¹¹ e alguns contos e causos locais falam de sereias, do Rio do Chicote, da cigana Bartira que morreu afogada, da Mãe do Ouro, relatos marcados pela simbologia das águas.

¹¹ A lenda relata a luta de dois jovens apaixonados pela índia Guarapiroca, que são expulsos da aldeia por Tupã, para evitar uma possível tragédia. Mas os três imploram para viverem juntos, e assim a bela Guarapiroca é transformada num lugar que mais tarde passa a se chamar Antonina, e os dois jovens, em Mar e Vento. Para que pudessem embalar e beijar seu grande amor, Tupã determinou que o Mar deveria ser calmo, e o Vento, uma brisa suave e refrescante (Disponível em: <<http://rosaavalente.blogspot.com.br/2011/06/lendas-de-antonina>>. Acesso em 24 jun. 2015).

VOZES ANTONINENSES

Com o intuito de auferir os significados atribuídos à paisagem cultural local, foram realizadas entrevistas¹² com os moradores de Antonina. Optou-se pela utilização de entrevistas semiestruturadas por proporcionarem maior flexibilidade na execução das perguntas, e possibilitar ao entrevistado liberdade para falar. Todas as entrevistas foram previamente agendadas por telefone: algumas foram realizadas na casa dos entrevistados, e outras se deram na Casa do Ofício de Antonina, no ano de 2013. A escolha do local para a realização da gravação era decidida pelo entrevistado.

Para interpretar as entrevistas, atentou-se ao contexto dos sujeitos, buscando perceber como eles compreendem e dão significado às suas próprias experiências, como recomendam Willes, Rosenberg e Kearns (2005). Os autores destacam que, por meio de expressões orais, torna-se possível conectar detalhes íntimos das experiências, atitudes e reflexões de âmbito social e espacial dos entrevistados. Assim, durante as entrevistas, tentou-se observar os gestos, as expressões, as entonações, as alterações de ritmo, as hesitações, enfim, a comunicação não verbal que possibilita a compreensão e validação (ou não) do que é efetivamente dito, para posterior análise das informações.

Os sujeitos entrevistados, em consonância às músicas e ao hinário de Antonina, evidenciaram as belezas naturais locais, especialmente o mar.

¹²A versão integral das entrevistas citadas neste texto encontra-se publicada na tese da autora. Considerando que o foco investigado foi a festa do boi de mamão em Antonina, foram entrevistados, sobretudo, os dirigentes e participantes dos grupos de boi de mamão da cidade, além de moradores que têm presenciado, organizado e/ou registrado essa festa ao longo dos anos.

Para Eloir (2013), natural de Antonina, 26 anos, "além do setor histórico, o mar é um dos maiores orgulhos dos antoninenses". O jovem considera um privilégio morar na cidade, assim como Alexandra (2013), 38 anos:

O mar é o orgulho do antoninense. Quando a gente tá chateado, vai para o Trapiche olhar o mar... não tem nada melhor que isso. E em todas as apresentações de teatro que a gente monta, sempre tem um pescador para representar Antonina. Tem um índio, tem a Nossa Senhora do Pilar, símbolo da religiosidade, e tem um pescador, que é bem a cara de Antonina.

Erick (2013), antoninense de 32 anos, acentua a importância do mar e da atividade portuária em Antonina:

O Porto Barão do Tefé sempre foi uma referência econômica para a cidade, teve seu auge de 1930 a 1940, depois perdeu espaço para Paranaguá, mas até hoje muita gente aqui em Antonina vive do mar: pesca, artesanato, turismo, terminal portuário. Então, o mar é muito presente na vida do antoninense.

As calmas e profundas águas da baía de Antonina emolduram a tônica cotidiana, marcada por um ritmo tranquilo e harmonioso.

Ser capelista é você achar que Antonina é a melhor cidade do mundo. Independente de todas as dificuldades, Antonina é encantadora, é mágica, cada prédio antigo que a gente entra tem uma história, uma energia. O povo passa e te dá bom-dia, aqui é calmo, tem uma brisa do mar, as crianças podem brincar na rua, o custo de vida aqui é baixo então dá para viver com pouco, o povo é muito solidário (Alexandra, 2013).

Nascimento (2013), antoninense de 62 anos, declara: "Acho que temos um pouco dos costumes indígenas na alimentação, na

Paisagem cultural de Antonina: “Deitada à beira do mar”
Beatriz Helena Furlanetto

contemplação do mar, dessa paisagem caiçara, que é uma paisagem altamente diferenciada da serra acima”.

E Fatuche (2013), 61 anos, natural de Antonina, acentua:

O antoninense, sabe, o antoninense é daquela linhagem do caiçara. Caiçara é aquele cidadão que vai ali no mar, pegou um peixe, tem em casa meio quilo de farinha, ele tem meio peixe para hoje, meio para amanhã, então ele vai dormir, não quer saber. Ele leva assim a vida dele e não tem jeito, ninguém vai mudar. [...] A identidade caiçara é bastante forte, porque aqui em Antonina, na nossa redondeza, conversando com esse pessoal mais humilde mesmo, você vê que ele não tem a pretensão de nada. A humildade e a solidariedade é uma herança do caiçara. Eu vejo isso por mim, eu não sou classe média nem baixa, mas a gente leva uma vida boa.

Bachelard (2008) declara que as imagens do exterior, como florestas, oceanos e desertos, têm uma correspondência dentro de cada indivíduo, isto é, em seu espaço íntimo. Neste sentido, podemos perceber um espaço íntimo antoninense referenciado na água.

Antonina tem “cheiro de colônia, atmosfera de presépio, gente à espera de um barco e de um olhar de esperança”, afirma Nascimento (2006, p. 52), que nos brinda com um banquete de sabores¹³ gastronômicos da cidade, propiciando sentir até os odores.

Um bom pirão de peixe com farinha de mandioca acompanhado de uma banana da terra assada na chapa. Ou um gostoso barreado feito em panela de barro, bem escaldado com arroz, farinha e banana. Um camarão frito ou ensopado e um peixe assado na folha da bananeira. Uma caranguejada com caldo de feijão e salada de cebola. Um bacucu a vinagrete e uma boa porção de ostra na chapa. Uma casquinha de siri, com um bolinho de camarão ou de banana, sem esquecer uma pitada de

¹³ Entre os sabores locais, destaca-se também a tradicional Bala de Banana Antonina, um produto que divulga a cidade em todo o país.

açúcar e um pouquinho de canela por cima. Não dá pra deixar de experimentar uma boa pinga artesanal, uma compota de goiaba, de mamão ou abóbora. Ah! O doce de banana... Estava me esquecendo. Temos também licores.

Olha só quanta coisa boa que faz parte da nossa história gastronômica. Comidas que durante décadas estão presentes em nossas mesas e enraizadas em nossa cultura. Os frutos do mar por nossa localização e o barreado trazido pelos faisqueiros, tropeiros ou foliões. O importante é que temos uma tradição comportamental alimentar, uma riqueza que nos diferencia das outras comunidades, um Patrimônio Cultural (NASCIMENTO, 2006, p. 51).

Constata-se que o mar tem um grande valor econômico e simbólico para os antoninenses, uma presença notória no cenário, na história, nos hinos, no imaginário e na gastronomia. Assim, em conformidade a Andreottie Persi, é possível afirmar que o mar acrescenta expressividade e traços emocionais à paisagem cultural de Antonina.

MÚSICA E FESTAS

Na segunda metade do século XX, depois de esgotadas as atividades industriais e portuárias, a cidade perde destaque no cenário político, o que se verifica até hoje. Ainda assim, um rico calendário festivo se mostra símbolo de referência identitária local.

Nascimento (2006, p. 50) aponta que as manifestações culturais representam a identidade de um povo, e afirma que Antonina “sempre foi conhecida por suas famosas festas: umas religiosas, outras pagãs, uma ou outra gastronômica e assim por diante. Mas sempre tivemos a marca de sermos os bons de festa”.

Eloir (2013) acentua, “Antonina não existe sem festa”.

Rosângela (2013), natural do Rio de Janeiro, 52 anos, mora em Antonina há 23 anos e reforça o espírito festivo dos antoninenses, mas

Paisagem cultural de Antonina: “Deitada à beira do mar”
Beatriz Helena Furlanetto

lamentava que “vinte anos atrás, acho que a gente tinha festa de janeiro a janeiro. Agora não tem mais. Nós tínhamos a Exponina, a Festa do Caranguejo, a Festa do Chope, tinha o Concurso do Barreado, então nós tínhamos muito mais eventos do que hoje”.

Para Eloir (2013), as festas evidenciam o caráter familiar e acolhedor dos antoninenses.

Eu acho que o povo de Antonina é muito acolhedor. [...] E acho que é justamente por isso que hoje o carnaval de Antonina é considerado um dos melhores do sul do país, o carnaval mais família que existe, por essa recepção, de gente que abre a porta da sua casa para acolher pessoas que mal conhecem nos quatro, cinco dias de carnaval.

A festa se mostra um dos traços distintivos da cidade e do povo antoninense, sendo o carnaval uma das comemorações mais apreciadas pela população. O carnaval de Antonina se destaca como uma das festas mais tradicionais do Paraná, frequentada por crianças, jovens e adultos. A maioria das famílias, bem como os turistas, comparecem às ruas para assistir ou participar dos desfiles de blocos e escolas de samba municipais.

Nos últimos anos, o carnaval tem sido organizado pelas autoridades municipais de Antonina que, por motivos de segurança, colocam grades para separar o público nas calçadas e os brincantes na avenida, o que acaba comprometendo a interação entre ambos. Aparentemente, a festa tornou-se um espetáculo mais visível que participativo, pois os blocos carnavalescos têm menos possibilidades para interagir com as pessoas nas ruas, perdendo a característica de uma folia comunitária, uma catarse onde todos participavam. Ainda assim, as festas tornam visível o espírito jocoso dos antoninenses.

Além do mar, das festas, dos odores e sabores locais, a paisagem cultural antoninense transborda musicalidade.

Nós temos uma riqueza musical que nenhum outro lugar do litoral tem, porque temos uma escola de educação musical que é a Filarmônica Antoninense. As pessoas desses grupos também são direta ou indiretamente ligadas a essa escolaridade, através de parentes, amigos. Então temos uma musicalidade patente na cidade, como a família Graciano, a família “Pinto Louco”, eles têm essa vivência no sangue (Nascimento, 2013).

Graça, 62 anos, natural de Curitiba (PR), reside há nove anos em Antonina e ressalta que na cidade “se respira cultura, música”:

Tem a Orquestra Filarmônica, que é maravilhosa, que toca uma vez por mês no coreto da praça, tem os grupos folclóricos, antes eu tinha um programa de rádio, que vai retornar. Então, toda quinta-feira a gente levava o pessoal da cidade mesmo, como o grupo de seresta Canto do Mar que é assim: eles são caracterizados estilo anos quarenta, anos cinquenta, e uma vez por mês esse grupo vai à casa dos aniversariantes e canta a música preferida deles – o nome dessa música está escrito em uma placa que fica ao lado da porta de entrada da casa. Toda sexta-feira também tem música ao vivo no Mercado Municipal e se você gostar de cantar, pode chegar ali e cantar também. Aqui tem festa o ano inteiro, tem muita alegria (Graça, 2013).

Então, a gente tem festa aqui quase todo mês, a gente dá uma parada após o carnaval, mas depois vem todas essas outras festas, porque o povo daqui é muito alegre. E de certa forma, por trás dessa alegria tem a música, porque a festa gira em torno da música, independentemente da fonte, se é uma festa religiosa ou se é uma festa aberta, então, tudo gira em torno da música (Eloir, 2013).

Em 2014, a Filarmônica Antoninense comemorou trinta e nove anos de existência: a banda promove a educação musical de centenas de crianças e jovens, se apresenta mensalmente no coreto da praça e em várias festividades municipais. As noites de sexta-feira atraem músicos amadores e profissionais ao Mercado Municipal e verifica-se,

Paisagem cultural de Antonina: “Deitada à beira do mar”
Beatriz Helena Furlanetto

também, o tradicional grupo Canto do Mar que há anos homenageia os aniversariantes da cidade com uma animada seresta. Cabe mencionar, ainda, o Festival de Inverno de Antonina, promovido desde 1991 pela Universidade Federal do Paraná, que oferece oficinas de arte, espetáculos e atividades de formação e entretenimento aos estudantes e público em geral.

“A paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante” (DARDEL, 2011, p. 32). Emoldurada pelo mar e pela vegetação serrana, a exuberância da natureza e o testemunho histórico da arquitetura colonial acrescentam traços emocionais à paisagem cultural de Antonina, permeando os cantos antoninenses com notas de poesia.

O ritmo das águas imprime um calmo balanço no cotidiano, delineando uma atmosfera pacífica que inspira a convivência solidária entre os moradores. A expressiva vivência musical, que embala os ânimos e as festas antoninenses, promove o sentido de conexão entre as pessoas, reforçando o sentimento de pertencimento ao lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva da geografia cultural, os estudos sobre a paisagem, entendida como um produto de transformação do ambiente em cultura, podem contribuir para a compreensão dos significados que os homens atribuem aos lugares.

A partir das considerações dos geógrafos Andreotti, Dardel e Persi, constatou-se que a paisagem é criada pelo próprio observador, investida de emoções e sentimentos, e dotada de valores espirituais. Neste sentido, buscou-se auferir as relações existentes entre a cidade de Antonina e os sujeitos antoninenses. Sendo a paisagem constituída

por elementos culturais, históricos, religiosos e artísticos, investigou-se, ainda, como estes elementos se apresentam na paisagem antoninense.

As paisagens são múltiplas e complexas, carregadas de emoções e simbolismos, como a própria natureza humana, possibilitando diversas interpretações. Portanto, os resultados dessa pesquisa abrangem uma parcela da realidade e abrem um leque de outras possibilidades interpretativas.

As relações entre lugares, objetos e pessoas são capazes de mediar e produzir subjetividades. Na cotidianidade da vida, sons, imagens, cores, odores, sabores, texturas, sensações, emoções, sentimentos, pensamentos, histórias, recordações, sonhos, ideais, realidades e fantasias se mesclam continuamente e agregam profundos significados aos lugares, revestindo-os de valores para indivíduos e coletividade. Tais lugares, como Antonina, tornam-se referências históricas e culturais de uma determinada comunidade e podem ser reconhecidos como patrimônios de um Estado, de uma nação.

A riqueza do patrimônio histórico de Antonina relaciona-se harmonicamente com o ambiente natural no qual a cidade está inserida, constituindo um cenário urbano diferenciado, que preserva uma rara qualidade ambiental. As casas e edificações realmente se mostram deitadas à beira do mar, como canta o hino municipal. As tradições que legitimam o valor histórico de Antonina não residem apenas em seu patrimônio material, mas também nos eventos e manifestações culturais, como o boi de mamão. O valioso acervo artístico, histórico e arquitetônico que constitui a paisagem cultural de Antonina, apesar de reconhecido pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, apresenta um potencial turístico que se mostra pouco explorado.

Paisagem cultural de Antonina: "Deitada à beira do mar"
Beatriz Helena Furlanetto

Em Antonina, as calmas e profundas águas do mar cantam a tônica cotidiana. O simbolismo das águas inunda o espaço íntimo dos moradores, banhando a vida de harmonia e tranquilidade, uma calmaria que, de tempos em tempos, agita-se com as animadas festas locais, como o carnaval, quando capelistas e turistas lotam as ruas de sons, fantasias, risos e pés dançantes.

As belezas naturais, como a majestosa baía emoldurada pelas montanhas da Serra do Mar, as edificações históricas que referenciam o Brasil colonial, os sabores e odores da culinária local, as marcas da religiosidade e a musicalidade destacam-se expressivamente em Antonina, constituindo uma paisagem interligada ao espaço vivido, plena de simbolismos, matizada por múltiplas tintas emocionais. ☉

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda. Diversidades paisagísticas e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine da Costa (Orgs.). **Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: Vieira, 2008.

ANDREOTTI, Giuliana. O senso ético e estético da paisagem. Tradução: Beatriz H. Furlanetto. **Ra'e ga**, Curitiba, n. 24, 2012, p. 5-17.

_____. **Paisagens culturais**. Tradução: Ana Paula Bellenzier et al. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Antonio P. Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos de espistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. UFPR, 2009.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Municípios paranaenses: origens e significados de seus nomes**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DESLANDES, Sérgio. **Música popular do Paraná**. Curitiba: Ed. UFPR, 1992.

FURLANETTO, Beatriz Helena. **Paisagem sonora do boi de mamão no litoral paranaense: a face oculta do riso**. 212 f. Tese (Doutorado em Geografia). Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

KOZEL, Salette. Mapas mentais—uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: KOZEL, Salette; SILVA, Josué da Costa; GIL FILHO, Sylvio Fausto (Orgs.). **Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Mensagem; Curitiba: NEER, 2007.

MEIRELES, Cecília. **Cecília de bolso**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

NASCIMENTO, Eduardo. **Crônicas da Capela**. Curitiba, 2006.

PERSI, Peris (Org.). **Recondita armonia**. Il paesaggio tra progetto e governo del territorio. III Convegno Internazionale Beni Culturali. Itália: Università degli Studi di Urbino Carlo Bo, 2007.

Paisagem cultural de Antonina: "Deitada à beira do mar"
Beatriz Helena Furlanetto

_____. Geografia e emoções. Pessoas e lugares: sentidos, sentimentos e emoções. Tradução: Beatriz H. Furlanetto. **Geografar**, Curitiba, v. 9, n. 1, jun. 2014, p. 200-218.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: OLIVEIRA, Lívia de. São Paulo: Difel, 1983.

WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. 9. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

WILLES, J. L. et al. Narrative analysis as a strategy for understanding interview talk in geographic research. **Royal Geographical Society**, Area 37.1, 2005, p. 89-99.

Submetido em Maio de 2015.
Revisado em Setembro de 2015.
Aceito em Setembro de 2016.